

# Clubes negros no Brasil: *puzzle* de um campo emergente

Black clubs in Brazil: *puzzle* of an emerging field

Petrônio Domingues\*

**Resumo:** O artigo apresenta a definição de clubes negros e como esse campo temático surgiu e se desenvolveu no mundo acadêmico brasileiro ao longo das décadas, adquirindo visibilidade, reconhecimento e características próprias. Em um segundo momento, o artigo sumariza os sentidos e significados polissêmicos conferidos às experiências clubistas, bem como discute as abordagens, questões, tendências e fontes que têm comparecido à agenda de pesquisa dos especialistas do campo.

**Palavras-chave:** clube; população negra; associativismo.

**Abstract:** The article initially presents the definition of black clubs and how this thematic field emerged and developed in the Brazilian academic world over the decades, acquiring visibility, recognition and its own characteristics. In a second moment, the article summarizes the senses and polysemic meanings conferred to club experiences, as well as discussing the approaches, issues, trends and sources that have appeared on the research schedule of specialists in the field.

**Keywords:** club; black population; associativism.

## 1 - Introdução

**E**M 2015, UM MAPEAMENTO dos clubes negros no Brasil foi concluído pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (Iphan), em parceria com a então Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir) e Fundação Cultural Palmares (FCP). Essa iniciativa foi um desdobramento do pedido de Registro dos Clubes Sociais Negros como Patrimônio Cultural do Brasil feito ao Iphan, em 2009, pela Comissão Nacional dos Clubes Negros. Diante dessa solicitação, e levando em conta a escassez de dados sobre o

---

\* Doutor em História (USP), professor da Universidade Federal de Sergipe (UFS), bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. E-mail: pjdomingues@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0116-5064>.

assunto, percebeu-se a necessidade de aprofundar o conhecimento do campo e realizar um levantamento de dados que pudesse fornecer informações sobre a trajetória dos clubes negros no país e sobre a situação de cada clube na atualidade. Como resultado do mapeamento, o Iphan localizou a existência de 61 clubes negros distribuídos por seis estados: Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo.<sup>1</sup>

**Tabela 1 - Clubes no site de clubes sociais negros<sup>2</sup> e clubes localizados pelo Iphan.**

UF	Total de clubes no site	Clubes não localizados pelo Iphan	Clubes localizados pelo Iphan
AC	1	1	0
MG	4	2	2
PR	1	0	1
RJ	2	0	2
RS	57	23	34
SC	13	2	11
SP	25	14	11
<b>Total</b>	<b>103</b>	<b>42</b>	<b>61</b>

Fonte: LIMA, Alessandra Rodrigues; SILVA, Guilherme Carvalho da. **Mapeamento dos clubes sociais negros no Brasil**: análise e sistematização de informações. Brasília: Iphan, 2015. p. 5.

Mas, afinal, o que são clubes negros? Quais os seus diversos sentidos e significados? E como essa vertente do associativismo negro tem se constituído no plano da pesquisa acadêmica?

Este artigo está dividido em duas partes. Na primeira, pretendo resumir a definição de clubes negros e como esse campo temático surgiu e se desenvolveu no mundo acadêmico brasileiro ao longo das décadas, adquirindo visibilidade, reconhecimento e características próprias, com a publicação de livros específicos. Já na segunda parte do artigo, meu escopo é apresentar os sentidos e significados polissêmicos conferidos às experiências clubistas, bem como discutir as abordagens, questões, tendências e fontes que, ultimamente, têm comparecido à agenda de pesquisa dos especialistas do campo.<sup>3</sup>

As pessoas negras no Brasil sempre desenvolveram uma intensa vida associativa. Mesmo durante a escravidão, os africanos e os afro-brasileiros encontraram maneiras de se reunirem com seus pares e formarem, fossem sociedades de ajuda mútua e irmandades

1 LIMA, Alessandra Rodrigues; SILVA, Guilherme Carvalho da. **Mapeamento dos clubes sociais negros no Brasil**: análise e sistematização de informações. Brasília: Iphan, 2015.

2 O portal <http://www.clubessociaisnegros.com.br>, criado em 2011, foi desativado anos depois. Em seu lugar, foi lançado, em 2021, o portal <http://www.clubessociaisnegros.com>.

3 Este artigo foi originalmente concebido e escrito para servir de base para minha conferência de abertura do Seminário Internacional “Clubes Sociais Negros: vivências, memórias, história e patrimônio, aniversário de 150 anos da Sociedade Beneficente e Cultural Floresta Aurora (1872-2022)”, evento que ocorreu na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), entre 27 e 29 de setembro de 2022, e na sede da Sociedade Floresta Aurora, em 30 de setembro. O seminário reuniu pessoas vinculadas ao clubismo negro, aos movimentos sociais negros, pesquisadores, estudantes e público em geral, para reflexão e debate sobre o significado histórico dos clubes negros na sociedade brasileira, com destaque para o protagonismo da Sociedade Floresta Aurora. Depois de minha conferência, o texto sofreu alterações significativas, na medida em que procurei aprimorá-lo, incorporando críticas, sugestões, diálogos e indicações bibliográficas, feitas sobretudo por Giane Vargas Escobar, a quem agradeço.

leigas católicas, que existiam desde o período colonial, fossem jornais dos “homens de cor”, grupos de capoeiras e espaços de religiosidade afrodiáspórica – terreiros de diferentes nações de candomblé –, que remontam ao período do Império. Todas essas associações voluntárias tinham como finalidade satisfazer as necessidades econômicas, culturais, religiosas e humanas de uma população que vivia sob condições adversas.<sup>4</sup>

A abolição não resolveu algumas dessas necessidades e criou novas, ou seja, “abriu aos negros a possibilidade de se organizar sob condições diferentes daquelas da escravidão, com graus significativamente diferentes de liberdade”.<sup>5</sup> Os afro-brasileiros procuraram aproveitar essas novas possibilidades, impulsionando a criação de agremiações beneficentes, clubes sociais, centros cívicos, cordões carnavalescos, grupos culturais, sociedades desportivas.

O conjunto dessas experiências constitui o “associativismo negro”, que consiste na articulação de mulheres e homens africanos e seus descendentes em torno de uma atividade ou instituição no espaço público, tendo em vista o fazer coletivo em nome do grupo que procuram representar. Surgiu e se desenvolveu ainda no período escravista, tendo adquirido novas configurações, dimensões e capilaridade no decurso do pós-abolição.<sup>6</sup>

Entende-se que a necessidade de reagir ao “preconceito de cor” foi uma das principais causas para a emergência do associativismo negro. No entanto, esse *fazer coletivo* não teve apenas um caráter reativo. Isto é, posicionar-se contra a discriminação racial não foi a única motivação que levou a população negra a investir no associativismo. Também havia a expectativa de autonomia, para não dizer autodeterminação, de viver por si como forma de solidariedade social semelhante à experiência de outros grupos étnicos – como os imigrantes alemães, italianos, espanhóis, portugueses, poloneses, japoneses e seus descendentes –, que também forjaram suas sociedades beneficentes, recreativas, instrutivas, culturais e bailantes.<sup>7</sup>

Ao longo do tempo, floresceram diversas associações negras, catalisadoras de laços de solidariedade e união em prol de um fim coletivo. O presente artigo vai se debruçar em torno das experiências dos clubes negros, que são uma das modalidades do associativismo negro.

4 BUTLER, Kim D. **Freedoms given, freedoms won: afro-brazilians in post-abolition São Paulo and Salvador**. New Brunswick: Rutgers University Press, 1998. ALBERTO, Paulina L.; ANDREWS, George Reid; HOFFNUNG-GARSKOF, Jesse (org.). **Voices of the race: Black newspapers in Latin America, 1870-1960**. Cambridge: Cambridge University Press, 2022.

5 ANDREWS, George Reid. **Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)**. Bauru: EdUSC, 1998. p. 218.

6 DOMINGUES, Petrônio. O associativismo negro no Brasil (1930-1945). In: ABREU, Luciano Aronne de; VANNUCCHI, Marco Aurélio (org.). **A Era Vargas (1930-1945)**. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2021. p. 75-104. SILVA, Lúcia Helena Oliveira; XAVIER, Regina Célia Lima. Historicizando o associativismo negro: contribuições e caminhos da historiografia. **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 11, p. 1-5, 2019. SILVA, Mario Augusto Medeiros. Em torno da ideia de associativismo negro em São Paulo (1930-2010). **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 445-473, 2021.

7 DOMINGUES, Petrônio. Negros no Brasil Meridional: associativismo no pós-abolição. In: MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti; MENDONÇA, Joseli Maria Nunes; TEIXEIRA, Luana (org.). **Pós-abolição no sul do Brasil: associativismo e trajetórias negras**. Salvador: Saga, 2020. p. 22-37.

## 2 - Clubes

FOI O MUNDO de língua inglesa que criou o clube – um modelo de associação voluntária que, ao longo do tempo, foi amplamente seguido por toda parte. Convém, no entanto, assinalar que associações voluntárias não são uma instituição exclusivamente ocidental – como nos lembra o exemplo de confrarias na África Ocidental e na China –, mas têm sido excepcionalmente importantes no mundo Atlântico, sobretudo na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. Os clubes adquiriram capilaridade nos séculos XVIII e XIX, embora suas raízes estejam muito para trás no tempo, remontando pelo menos à Idade Média. Nos séculos XIV e XV, um papel relevante na vida social da cidade europeia foi desempenhado pelas guildas, não só as “guildas profissionais”, embriões dos sindicatos modernos, mas também as guildas religiosas ou confrarias. Tratava-se de associações voluntárias de aldeões que promoviam a solidariedade e a fraternidade entre os membros, comendo e bebendo juntos, comparecendo aos enterros, bem como caminhando em procissão através da cidade na festa do padroeiro da associação.<sup>8</sup>

Na Europa católica, as confrarias desse tipo sobreviveram por séculos e algumas ainda existem na Itália, por exemplo, e na Espanha. Na Grã-Bretanha, por outro lado, desapareceram com a reforma, porém foram ressuscitadas sob uma forma não religiosa nos séculos XVII e XVIII. A ascensão dos clubes britânicos foi impulsionada pela urbanização, acima de tudo pelo crescimento de Londres, que subiu de 50 mil habitantes em 1550 para um milhão de pessoas em 1800. Londres cresceu graças à imigração e os clubes foram um meio de integrar os recém-chegados à cidade e fazê-los sentir-se mais à vontade. Pessoas oriundas de diferentes condados ingleses formaram seus próprios clubes, com festas e confraternizações periódicas.

Além dessas associações, houve uma extraordinária variedade de clubes para pessoas com interesses específicos: de debates, bebidas, de música, de dança, de esporte e assim por diante. Qualquer que fosse o propósito, a instituição assumiu aproximadamente o mesmo formato. Reunia-se regularmente, em geral num local de fácil acesso. Os dirigentes – presidente, secretário, tesoureiro e diretores – eram eleitos pelos membros, que também aprovavam as regras ou normativas para a constituição do clube. As decisões tomadas nas reuniões eram registradas nas atas, para que os associados ausentes delas tomassem conhecimento. Como salientou um membro de um clube estadunidense no século XVIII, essas instituições eram “governos em miniatura” ou pequenos parlamentos, oferecendo um treinamento em cultura democrática, liberdade, igualdade e, acima de tudo, fraternidade.<sup>9</sup>

Apesar do surgimento de associações voluntárias em vários países, as pessoas mais “clubistas” foram os ingleses, seguidos de perto pelos estadunidenses. O movimento dos

8 BURKE, Peter. Clubes. *In*: BURKE, Peter. **O historiador como colunista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 199.

9 *Ibidem*, p. 200.

clubes chegou ao auge no século XIX de ambos os lados do Atlântico, quando as classes populares fundaram suas “sociedades de mútuo socorro” ou “clubes beneficentes”, as mulheres criaram as “ligas femininas” e alguns grupos específicos instituíram, por exemplo, a *Royal Society for the Prevention of Cruelty to Animals* ou a *National Society for the Prevention of Cruelty of Children*.

Nos Estados Unidos, as pessoas negras também se engajaram na criação de associações voluntárias de cunho recreativo. O processo de urbanização e industrialização no período posterior à Reconstrução (1865-1877) foi acompanhado pela instituição de espaços dedicados ao lazer. Clubes sociais e atléticos reforçavam os laços políticos e identitários através da promoção de entretenimentos: reuniões sociais, atividades artístico-culturais e eventos desportivos. As pessoas negras das zonas urbanas encontraram nos clubes sociais uma das principais fontes de uma vida recreativa e prazerosa. Dentro desse espírito, é interessante notar que essas pessoas não fizeram da recreação parte separada de suas vidas; estava, ao contrário, integrada na rotina diária. Parte disso, ao que parece, estava no fato de os afro-americanos, dispendo de “pouco tempo livre de árduo trabalho, projetarem o descanso como complemento do trabalho. Parte da razão está em que tantas formas de recreação lhes foram negadas que eles aprenderam a tirar partido das coisas que fazem cotidianamente”.<sup>10</sup>

As associações voluntárias fomentavam, em alguma medida, o desenvolvimento da consciência cívica e cidadã, no campo dos direitos civis, sociais e políticos. Por isso, Peter Burke argumenta que a existência dos clubes, nos quais muitos membros de diferentes classes sociais, gêneros e grupos étnicos se encontravam face a face no mesmo lugar, ajudou a gestar uma cultura democrática. A seu ver, ainda mais importante foi a difusão do modelo de associação voluntária com reuniões, regras, dirigentes eleitos etc. Essas instituições, “[...] a meio caminho entre o mundo privado da família e o mundo público do Estado, deram uma importante contribuição para a ascensão do que algumas pessoas hoje chamam a ‘esfera pública’ e outras a ‘sociedade civil’”.<sup>11</sup>

### 3 - Clubes negros

No BRASIL, os clubes sociais podem ser considerados uma manifestação paradigmática de associativismo, pois, do ponto de vista da representatividade social, é o resultado da ação coletiva movida por interesses diversos, atendendo diferentes segmentos da sociedade, sejam originários de grupos de imigrantes, das elites ou dos grupos subalternos. Esse estilo de sociabilidade, característico da vida urbana, atinge significativa parcela da população brasileira em todo o território nacional. À luz dessas diretrizes, podemos afirmar que clubes sociais

10 ROSE, Arnold. **Negro: o dilema americano**. São Paulo: Ibrasa, 1968. p. 366.

11 BURKE, op. cit., p. 201-202.

negros são “espaços associativos do grupo étnico afro-brasileiro, originários da necessidade de convívio social do grupo, voluntariamente construídos e com caráter beneficente, recreativo e cultural, desenvolvendo atividades num espaço físico próprio”.<sup>12</sup>

O primeiro estudo a se referir aos clubes negros no Brasil foi o artigo de Arthur Ramos, “O espírito associativo do negro brasileiro”, publicado em 1938.<sup>13</sup> Para o médico e antropólogo alagoano, associações e grupos negros se formaram no contexto da escravidão. Desses grupos, destacaram-se os religiosos e recreativos, às vezes separados, mas quase sempre intimamente unidos. Exemplos disso teriam sido as confrarias e irmandades religiosas dos negros, as festas do ciclo das congadas, as juntas de alforrias etc. Segundo Ramos, os grupos recreativos das pessoas negras – as rodas de samba, de batuque e de capoeira; os cucumbis, os ranchos e ternos, entre outros autos populares – reuniam-se frequentemente durante o tempo da escravidão e depois dele. Esse “espírito de grupo” continuou no período pós-escravista: nos clubes, blocos, cordões carnavalescos e, mais tarde, nas escolas de samba. De acordo com o estudioso alagoano, essas agremiações visam à afirmação racial e à proclamação dos direitos iguais, no plano econômico, político e cultural, de negros e brancos.<sup>14</sup>

Se Ramos se destacou pelo pioneirismo, ao mencionar o clube como fazendo parte do “espírito associativo do negro brasileiro”, seu estudo é preliminar, para não dizer superficial. Foi no contexto do Projeto Unesco,<sup>15</sup> sob a coordenação de Florestan Fernandes e Roger Bastide, que surgiu, em 1955, a primeira pesquisa dedicada à trajetória de um clube negro. Trata-se de “Relações raciais no município de Itapetininga”, do sociólogo Oracy Nogueira, que reconstituiu e analisou a história do Clube Recreativo 13 de Maio, na cidade de Itapetininga, no interior paulista. O clube, fundado em 13 de maio de 1911, era composto de pessoas de ambos os sexos, sem distinção de nacionalidade ou cor, e tinha por finalidade principal comemorar, todos os anos, o “glorioso dia que deu nome à associação” e proporcionar aos seus associados diversões (“partidas dançantes” e jogos), bem como a leitura de jornais, revistas e livros. Dos 20 sócios fundadores, 14 foram identificados como “pretos”, cinco como “mulatos” e um como “branco” ou “acaboclado”. Quanto às ocupações, o grupo abrangia “carpinteiros” (quatro), carroceiros (dois), “pedreiros” (três), “proprietários de sítios e casas” (três), um “servente” da Câmara Municipal, um “porteiro de grupo escolar”, duas “cozinheiras”, uma “dona de

12 Ata da reunião da Comissão Nacional de Clubes Sociais Negros dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, em 29 de fevereiro de 2008. Disponível em: <https://clubessociaisnegros.com>. Acesso em: 2 mar. 2023.

13 RAMOS, Arthur. O espírito associativo do negro brasileiro. **Revista do Arquivo Municipal de São Paulo**, São Paulo, n. 47, p. 105-126, 1938.

14 Ibidem.

15 No início da década de 1950, a Organização das Nações Unidas para a Educação e Cultura (Unesco) patrocinou uma série de pesquisas sobre as relações raciais no Brasil. As investigações foram desenvolvidas em vários estados (São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia), tendo em vista apresentar ao mundo os detalhes de uma experiência no campo das interações raciais julgada, na época, singular e bem-sucedida, tanto interna quanto externamente. Em São Paulo, a coordenação da pesquisa ficou a cargo de Roger Bastide e Florestan Fernandes e contou com os trabalhos de Oracy Nogueira, Virgínia Leone Bicudo e Aniela Ginsberg.

casa”, um “trabalhador avulso”, uma “engomadeira” e um sócio cuja ocupação não foi identificada.<sup>16</sup>

De acordo com Nogueira, a edificação do Clube 13 de Maio constitui o “[...] primeiro empreendimento coletivo da gente de cor, no âmbito local, de iniciativa própria, sem o patrocínio ou interferência da gente branca”. A disposição com que se empenharam os “elementos de cor” na iniciativa de criar o “seu clube” mostra o “poder da motivação que neles atuava no sentido de adotar as formas de divertimento de salão que por tanto tempo lhes permaneceram inacessíveis, como atividades privativas da classe dominante”. O Clube 13 de Maio teria se convertido no “quartel-general” das atividades recreativas dos negros na cidade. Apresentava-se não apenas como o espaço em que se realizavam os bailes com regularidade, mas também como “ponto de reunião e ensaio dos congos, da Banda do Rosário e do cordão carnavalesco dos pretos, local em que se guardariam o estandarte e outros objetos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e de onde esta sairia, incorporada, para as procissões”.<sup>17</sup>

Sob a chancela do Projeto Unesco, cabe ainda mencionar as pesquisas de Florestan Fernandes e Roger Bastide, que abordaram aspectos de clubes negros da capital paulista; e o livro de Thales de Azevedo, *As elites de cor* (1955), que registra a existência de associação recreativa da comunidade negra em Salvador. Já na esteira do Projeto Unesco, surgiram novas pesquisas que pautaram, ainda que tangencialmente, a experiência dos clubes negros. Nesse sentido, vale assinalar os livros *Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional* (1962), de Fernando Henrique Cardoso, que faz alusão a agremiações negras no Rio Grande do Sul, como, por exemplo, a Sociedade Beneficente e Cultural Floresta Aurora, de Porto Alegre; *As metamorfoses do escravo* (1962), de Octávio Ianni, que faz uma breve referência ao Club Beneficente 13 de Maio, de Curitiba; *Cor e mobilidade social em Florianópolis* (1960), de Fernando Henrique Cardoso e Octávio Ianni, que menciona aspectos do 25 de dezembro, Grêmio da Mocidade, entre outros clubes de “negros” e “mulatos” na capital catarinense.

Em 1965, Florestan Fernandes publicou *A integração do negro na sociedade de classes*, sua principal obra sobre a situação das pessoas negras no período pós-abolição. Nela, o reputado sociólogo volta a reportar a experiência de algumas associações recreativas da comunidade negra paulistana. A partir daí, verificou-se no mundo acadêmico brasileiro uma espécie de hiato sobre a temática. Hiato que só foi rompido na década de 1990. No tocante a São Paulo, com as pesquisas de Regina Pahim Pinto, *O movimento negro em São Paulo* (1993); George Reid Andrews, *Negros e brancos em São Paulo* (1998); Kim Butler, *Freedoms givens, freedoms won* (1998); e, sobretudo, o trabalho de Maria Aparecida Pinto Silva, *Visibilidade e respeitabilidade* (1997), que rastreou as associações recreativas dos “homens de cor”, partindo da suposição de que o lazer ocupava um lugar

16 NOGUEIRA, Oracy. Relações raciais no município de Itapetininga. In: BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo**. São Paulo: Ed. Anhembi, 1955. p. 529-530.

17 Ibidem, p. 518-532.

privilegiado na vida dos afro-paulistas. Para o caso de Santa Catarina, com o trabalho de Maria das Graças Mária, *Imagens invisíveis de Áfricas presentes* (1997), que abordou a história de algumas associações recreativas de Florianópolis. No que concerne ao Rio Grande do Sul, com as investigações de Beatriz Ana Loner, *Negros: organização e lutas em Pelotas* (1999); e Liane Müller, *As contas do meu rosário são balas de artilharia* (1999), investigações que examinaram, ainda que transversalmente, aspectos das agremiações recreativas das pessoas negras nas cidades de Porto Alegre e Pelotas.

A partir do terceiro milênio, multiplicaram-se as pesquisas acadêmicas sobre os clubes negros, em diversas áreas (Sociologia, Antropologia, História, Museologia, Produção Cultural, Comunicação, entre outras). Pode-se dizer, inclusive, que esse campo temático se tornou emergente, conquistando cada vez mais espaço, reconhecimento e visibilidade. Frente a esse contexto, em 2006, foi publicado *A alma da festa*, de Sonia Maria Giacomini, o primeiro livro dedicado exclusivamente à trajetória de um clube negro. Trata-se do Renascença Clube, fundado na então capital da República, em 1951. A agremiação é interpretada como um espaço de sociabilidade em que homens e mulheres negros se encontravam e fruíam do contato social num ambiente festivo. De acordo com Giacomini, o Renascença se define como um clube social de negros majoritariamente de classe média, que desenvolveu três projetos: “como clube da família negra, lugar da integração entre negros e brancos, espaço da afirmação da negritude”. Na verdade, “[...] três projetos, que se sucederam no tempo, mas que também, em vários momentos, se superpuseram – às vezes em franca oposição, às vezes em pacífica coexistência”.<sup>18</sup>

**Imagem 1 - Integrantes da diretoria do Renascença Clube, fundado em 1951, no Rio de Janeiro - RJ.**



Fonte: Coleção particular de Nely Soares de Almeida.

18 GIACOMINI, Sonia Maria. **A alma da festa**: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro – Renascença Clube. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006. p. 19-20.



A partir daí, outros livros sobre clubes negros vieram a lume. Sem a pretensão de fazer uma compilação definitiva, convém lavrar as obras *Sob a proteção da princesa e São Benedito: identidade étnica, associativismo e projetos num clube negro de Caxias do Sul* (2013), de Fabrício Romani Gomes; *Cutubas: clube de negros, território de bambas*, de Margareth Cordeiro Franklim (2014), sobre a memória e o patrimônio afrodescendente de Leopoldina, MG; *Os clubes sociais negros no estado do Rio Grande do Sul* (2016), organizada por Cassiane de Freitas Paixão e Anderson Lobato; *Associativismo negro no Rio Grande do Sul* (2017), de Magna Lima Magalhães; *Clubes em memórias: sociabilidades negras nos Campos Gerais* (2018), de Ione da Silva Jovino e Merylin Ricieli dos Santos, que registra fragmentos da história do Clube Literário e Recreativo Treze de Maio (Ponta Grossa), do Clube Recreativo e Cultural Estrela da Manhã (Tibagi), da Sociedade Recreativa dos Campos Gerais (Castro) e da Sociedade Operária Beneficente Treze de Maio (Curitiba); *Clube 24 de Agosto: 100 anos de resistência de um clube social negro na fronteira Brasil-Uruguai* (2018), organizada por Giane Vargas Escobar, Caiuá Cardoso Al-Alam e Sara Teixeira Munaretto; *Uma introdução à história de trabalhadores negros no clube União Operária de Alegrete* (2022), de Márcio Ferreira Sônego; e *Floresta Aurora: 150 anos fazendo história* (2022), organizada por Giane Vargas, Jaime Benedito Núncia e Nereidy Rosa Alves.

Em 2020, Leonardo Affonso de Miranda Pereira publicou *A cidade que dança: clubes e bailes negros no Rio de Janeiro (1881-1933)*. Pela importância do livro, vale a pena resenhá-lo. A proposta do autor é reconstituir e examinar a história de pequenos clubes dançantes e carnavalescos gestados por trabalhadores “pretos” e “pardos” da cidade do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX. Grêmios como o Recreio das Moreninhas, Rosa Branca, o Flor da União, o Ameno Resedá, o Macaco é Outro e o Recreio das Flores multiplicaram-se por toda a cidade, dedicando-se a promover bailes animados pelas novas danças que faziam um sucesso descomunal no mundo Atlântico, como a polca, o maxixe e o tango. Esses clubes se constituíram em espaços privilegiados de diversão e articulação para os grupos afro-brasileiros da cidade. Ao tempo que experimentavam uma forma moderna e original de aproveitar o tempo livre, seus sócios articulavam laços de solidariedade e marcavam suas diferenças.

Segundo Pereira, esses clubes dançantes se expandiram por entre os subúrbios, bairros operários e outras localidades habitadas por famílias de baixa renda, demonstrando a importância que assumiam na experiência dos trabalhadores da cidade. Capazes tanto de fomentar seus laços de identidade quanto de legitimar publicamente suas formas de lazer, tais agremiações se disseminaram entre a “gente do trabalho, na maioria operários”, que passaram a fazer da diversão com seus maxixes, forrobodós e sambas um meio de estabelecer e organizar suas redes de solidariedade e diferença. De acordo com o autor, esses clubes tinham suas atividades reconhecidas e valorizadas nas páginas da grande

imprensa, o que ajudava a legitimá-los junto à opinião pública. Isso, entretanto, não impedia que suas práticas recreativas, como a dança, música e os bailes, ficassem sujeitas a um constante esforço de vigilância e disciplinarização por parte do poder público. Basta dizer que, para funcionar, essas agremiações precisavam obter uma licença da polícia.<sup>19</sup>

Esses pequenos clubes se abriram, de formas diversas, para a participação de mulheres e crianças. As mulheres, especialmente, afiliavam-se a essas sociedades como suas legítimas componentes, assumindo inclusive cargos na diretoria. O auge desse processo se configurou na criação, nos primeiros anos do século XX, de clubes dirigidos pelas “mulheres de cor”. Sem se limitarem ao papel de coadjuvantes, essas mulheres se posicionavam como protagonistas de seu lazer. Em um momento no qual o código cultural predominante definia para elas um papel doméstico, lutavam por seu direito à diversão, expresso na possibilidade de dançarem sem que virassem alvo nem dos preconceitos de homens, nem das opressões de gênero comuns entre os próprios trabalhadores.<sup>20</sup>

Na concepção de Pereira, o cuidado com a vestimenta se apresentava como um elemento central do funcionamento regular desses pequenos clubes. Essa preocupação se evidenciava na “cuidadosa escolha das roupas com as quais os sócios compareciam a seus bailes”. Para além das roupas, as boas maneiras, a etiqueta e a civilidade se expressavam na definição das regras de comportamento que deveriam ser adotadas por todos os presentes nos bailes e demais festejos. Inscritas nos estatutos dessas associações, essas normas explicitavam o perfil moral ilibado que se pretendia afirmar para elas.<sup>21</sup>

No enfrentamento do racismo científico que preconizava a inferioridade dos “negros” e “mulatos”, estes “fizeram das associações recreativas um meio de criar uma imagem positiva sobre seus próprios costumes e práticas”. No Rio de Janeiro, uma capital caracterizada por uma grande preponderância de afrodescendentes, a defesa dos costumes e práticas próprias se fizeram em clubes abertos a sócios de quaisquer origens, “sem distinção de cor ou nacionalidade”. Afastavam-se, assim, dos critérios de exclusão baseados no marcador racial. Ainda que não se organizassem como clubes exclusivamente negros, era a partir de uma lógica antirracista que esses grêmios, compostos em sua maior parte por afrodescendentes, ganhavam forma”. Um exemplo disso, da gramática de afirmação racial, era o Liga Africana, fundado por trabalhadores “negros” e “pardos” em 1909. Porém, o Liga Africana não era um caso isolado. Como assevera Pereira, esses clubes explicitavam, em sua maioria, “[...] uma visível marca negra, que fazia deles importantes centros de reunião dos afrodescendentes”.<sup>22</sup>

As histórias narradas no livro demonstram como esse segmento populacional fez do lazer um canal de vocalização de seus direitos e de sua cidadania, assim como revelam

19 PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **A cidade que dança**: clubes e bailes negros no Rio de Janeiro (1881-1933). Campinas: Ed. Unicamp; Rio de Janeiro: EdUERJ, 2020. p. 93-129.

20 Ibidem, p. 173-177.

21 Ibidem, p. 154-156.

22 Ibidem, p. 197-204.

que as experiências negras no Rio de Janeiro se deram pelas mãos e pernas de homens e mulheres que, em diálogo constante com referências diversas, fizeram de seus “clubes e bailes um meio de afirmar e legitimar continuamente sua presença na vida social da cidade e do país”.<sup>23</sup> Com a ascensão das escolas de samba na década de 1930, os pequenos clubes dançantes do Rio de Janeiro perderam sua razão de ser. Ainda que alguns deles tenham continuado a existir por mais alguns anos, chegara ao fim o movimento associativo dançante iniciado no final do século anterior.

#### 4 - Significados polissêmicos

NESTA SEGUNDA PARTE do artigo, meu propósito é examinar os significados polissêmicos atribuídos às experiências dos clubes negros, bem como discutir as abordagens, questões, tendências e fontes que, ultimamente, têm comparecido à agenda dos pesquisadores desse campo temático.

Os clubes negros surgiram com o objetivo central de proporcionar o entretenimento. Eram associações voluntárias – a meio caminho entre o mundo privado da família e o mundo público do Estado, deram uma importante contribuição para a ascensão do que algumas pessoas hoje designam de “esfera pública” e outras de “sociedade civil”<sup>24</sup> – que fomentavam o lazer, a diversão e a fraternidade entre os membros, oferecendo um leque sortido de atividades recreativas: bailes, excursões, quermesses, convescotes, comemorações, festivais, competições esportivas, jogos de bilhar e carteados etc.<sup>25</sup> Não obstante, o baile – lugar onde os associados se encontravam, dançavam, ouviam música e celebravam memórias – era a atividade social mais apreciada no meio negro. Praticamente todos os clubes promoviam bailes, sendo que muitos funcionavam, exclusivamente, em função dessa modalidade de lazer.<sup>26</sup>

Alguns clubes mantinham uma intensa vida social, tendo em vista o número de eventos que promoviam ou se envolviam. Outros eram menos atuantes. Os tipos de eventos, bem como as atividades a que se dedicavam, evidenciam que as suas características, finalidades e plataformas eram diversificadas: beneficente, cívica, recreativa, cultural, educacional e desportiva. Na região Central e no Pampa do Rio de Grande do Sul, surgiram até associações “tradicionalistas” – os Centros de Tradições Gaúchas

23 Ibidem, p. 338.

24 BURKE, Peter. Clubes. In: BURKE, Peter. **O historiador como colonista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 202.

25 OLIVEIRA, Carlos Gomes de. **Lazer no preto e branco**: histórias de integração do negro pelo lazer e animação sociocultural voluntária no Clube Palmares em Volta Redonda – RJ. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012. ESCOBAR, Giane Vargas; DOMINGUES, Petrônio (org.). **Clubes negros no Brasil e Cone Sul**. São Paulo: Dandara (prelo).

26 MOTTA-MAUÉS, Maria Angelica. Negros em bailes de negros: sociabilidade e ideologia racial no “meio negro” em Campinas (1950-1960). **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 52, n. 2, p. 705-734, 2009. TENÓRIO, Valquiria Pereira. **Baile do Carmo**: memória, sociabilidade e identidade étnico-racial em Araraquara. Belo Horizonte: Nandyala, 2013. VALVASSORI, Igor Santos. **Som de valente**: bailes negros em São Paulo. 2018. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Negros.<sup>27</sup> Assim, é possível afirmar que os clubes negros vicejavam um caráter eclético e multifacetado, assumindo mais de um tipo de roupagem e atividade – ou mesmo entrelaçando ações sociais, culturais, cívicas e políticas.

**Imagem 2 - Baile promovido pelo Aristocrata Clube, em São Paulo - SP, década de 1960.**



Fonte: Coleção particular de Nely Soares de Almeida.

O carnaval era outra modalidade de lazer bastante cultivada pelos clubes negros, mediante uma série de eventos como bailes, concursos de fantasias, desfiles de rua dos cordões e blocos de foliões. Os cordões, ranchos e blocos carnavalescos e, mais tarde, as escolas de samba revelaram-se importantes veículos no processo de construção da identidade étnica dos associados, na medida em que estes se apropriavam dos festejos de Momo como uma forma de celebrar a memória africana, suas tradições, suas relações cotidianas, seus territórios de sociabilidades, seus laços de amizade, parentesco, compadrio e solidariedade.<sup>28</sup>

Alguns clubes negros buscavam proporcionar amparo social, prestando serviços beneficentes, que eram de suma importância para um segmento populacional desprotegido

27 Sobre os Centros de Tradições Gaúchas Negros Ronda Crioula, no município de São Sepé, e o Clareira da Mata, em Caçapava do Sul, ver: SANTOS, Isadora Bispo dos. **Negrosul: Centro de Tradições Gaúchas na contramão do racismo: espaços de afirmação, resistência e patrimônio do povo negro**. 2022. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2022.

28 LONER, Beatriz Ana; GILL, Lorena Almeida. Clubes carnavalescos negros na cidade de Pelotas. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 145-162, 2009. DOMINGUES, Petrônio. O “tríduo da loucura”: Campos Elyseos e o carnaval afro-diaspórico. **Tempo**, Niterói, v. 19, n. 35, 2013, p. 117-142. BUTLER, Kim D. Masquerading Africa in the Carnival of Salvador, Bahia, Brazil 1895-1905. **African and Black Diaspora: An International Journal**, v. 10, n. 2, p. 203-227, 2017. RASCHE, Karla Leandro. **Entre a caneta e o pandeiro: letras e enredos de agremiações afrodescendentes em Florianópolis-SC (1920-1950)**. 2018. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2018.

e carente de formas institucionais e públicas de seguridade. A Sociedade Floresta Aurora – considerado o primeiro clube negro do Brasil –, por exemplo, surgiu na cidade de Porto Alegre, em 1872, como Sociedade Musical. Com o passar dos anos, desdobrou-se em diversas ramificações que atendiam às suas distintas finalidades. Mudou para Sociedade de Dança e Beneficência Floresta Aurora e, à medida que passou a socorrer sócios doentes e ampará-los diante da morte, granjeou mais prestígio, afirmando-se no meio negro no decurso do pós-abolição.<sup>29</sup>

**Imagem 3 - Abertura dos festejos 150 anos da Sociedade Floresta Aurora, Porto Alegre - RS, em 9 de abril de 2022.**



Fonte: Acervo da Sociedade Floresta Aurora.

Uma das preocupações dos clubes negros era com o nível cultural da “população de cor”, por isso era comum eles investirem na formação educacional dos membros afiliados, promovendo cursos, palestras e eventos culturais, oferecendo aulas de alfabetização e até mesmo montando bibliotecas. Por sinal, havia clubes que se dedicavam com denodo às atividades educacionais, patrocinando uma verdadeira cruzada contra o analfabetismo, quando não fomentando a escolarização da “população de cor”. Houve casos de clubes que conseguiram erigir escolas em sua sede. Outros estruturaram um departamento para tratar do assunto.<sup>30</sup>

Convém enfatizar que as realizações de cunho cultural sempre tiveram destaque na trajetória dos clubes negros. Muitos deles cultivavam a arte do teatro, abrigando um

29 NONNENMACHER, Marisa Schneider. **Tudo começou em uma madrugada**: Sociedade Beneficente Cultural Floresta Aurora (1872-2015). Porto Alegre: Medianiz, 2015.

30 SALVADORI, Maria Angela Borges. Clubes negros, associativismo e história da educação. **Educação e Fronteiras**, Dourados, v. 3, n. 9, p. 94-107, 2014. SOUSA, Karina Almeida. Clubes sociais negros e a agência educadora negra no século XX: o Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio. **Revista Escritas**, Araguaína, v. 13, n. 2, p. 116-136, 2021. SILVA, Noemi Santos da. **Direito de aprender**: a educação nas lutas negras por emancipação (Paraná, 1853-1910). 2023. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2023.

corpo cênico organizado, que costumava se apresentar por ocasião das festividades. A arte musical também era valorizada entre essas agremiações, a ponto de algumas delas existirem em função dessa prática artístico-cultural. Alguns clubes apreciavam a literatura e animavam encontros literários, práticas de leitura e saraus – recitais de poesias. Mas também havia aquelas agremiações devotadas a produzir atividades culturais que mesclavam, simultaneamente, duas ou mais linguagens artísticas: encenações teatrais, apresentações musicais e sessões de declamação de poesias.<sup>31</sup>

Os clubes negros também procuravam incentivar a prática de esportes, patrocinando competições, torneios, festivais esportivos, que incluíam a distribuição de prêmios e troféus. Modalidades esportivas comuns eram o futebol, o pingue-pongue e o atletismo. Algumas agremiações mantinham quadras esportivas, salões de jogos, time de futebol, enquanto outras eram eminentemente esportivas. Havia, ainda, clubes futebolísticos, que se valiam deste esporte para demonstrar as potencialidades e a capacidade de realização atlética da “população de cor”.<sup>32</sup>

A preocupação dos clubes negros não se restringia aos aspectos lúdicos, educacionais, culturais e desportivos. Cerimônias cívicas, comemorações e homenagens a personalidades ou a outras associações também faziam parte de sua programação. Nessas

**Imagem 4 - Lourdes Fernandes dos Santos, cofundadora do Aristocrata Clube, recepcionando a multiartista Josephine Baker, em 1971.**



Fonte: Coleção particular de Nely Soares de Almeida.

31 DOMINGUES, Petrônio. Paladinos da liberdade: a experiência do Clube Negro de Cultura Social em São Paulo (1932-1938). *Revista de História*, São Paulo, n. 150, p. 57-79, 2004. LIMA, Ana Paula. Sons da cidadania: bandas, músicos negros e uma corporação musical em Campinas no pós-abolição. 2021. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.

32 ROSA, André Luiz. Negros e portuários rompem a barreira elitista do esporte. In: ROSA, André Luiz. **Operários da bola**: um estudo sobre a relação dos trabalhadores com o futebol na cidade de Itajaí (SC) entre as décadas de 1920 a 1950. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. p. 65-95. SANTOS, José Antônio dos. **Liga da Canela Preta**: a história do negro no futebol. Porto Alegre: Diadorim, 2018. LIMA, Taiane Anhanha. **Clubes negros de futebol em Santa Maria no pós-abolição (1916-1932)**. 2023. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2023.

ocasiões, organizavam-se sessões solenes, quando discursavam vários oradores, que procuravam ressaltar a contribuição das personalidades negras, apontá-las como exemplos a serem seguidas e, sobretudo, introjetar nos associados o respeito, a admiração e o sentimento de reconhecimento pelos feitos daquelas referências em prol de uma memória negra positivada. Complementando as atividades cívicas, havia a parte social, com a realização de banquetes, recepções, apresentações artístico-culturais, que, na maior parte das vezes, culminavam em bailes.<sup>33</sup>

As agremiações esforçavam-se não só por manter viva uma memória negra positivada, como produziam uma narrativa de afirmação identitária. Procurava-se mostrar ao negro o seu valor, a sua dignidade e capacidade de realizações. Os clubes negros contribuíram, assim, para forjar entre os associados a identidade racial – o sentimento de pertencimento a um grupo –, a consciência de sua história e memória, da sua condição de subalternidade social, das discriminações raciais que os afetavam, sem falar que colaboraram para que a população negra criasse espaços próprios, tivesse visibilidade na esfera pública, afirmasse a sua autonomia e começasse a se organizar e lutar, coletivamente, contra aquilo que a incomodava, postulando reconhecimento no campo dos direitos e da cidadania.<sup>34</sup>

#### Imagem 5 - Cinquentenário da Abolição da Escravatura, em 1938.



Fonte: Clube 28 de Setembro, Jundiaí - SP.

33 GOMES, Fabrício Romani. **Sob a proteção da princesa e São Benedito: identidade étnica, associativismo e projetos num clube negro de Caxias do Sul.** Jundiaí: Paco Editorial, 2013. MAGALHÃES, Magna Lima. **Associativismo negro no Rio Grande do Sul.** São Leopoldo: Trajetos, 2017. SILVA, Adailton da. **O Clube dos Pretos 13 de Maio em Itajaí – GO.** In: ESCOBAR, Giane Vargas; DOMINGUES, Petrônio (org.). **Clubes negros no Brasil e Cone Sul.** São Paulo: Dandara (prelo).

34 SILVA, Joselina da. **Renascença, lugar de negros no plural.** Construções identitárias em um clube social de negros no Rio de Janeiro. 2000. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000. BATISTA, Rita de Cassia Souza Félix. **Clubes negros na espacialidade urbana de Juiz de Fora.** 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

Para além de lugares de memória, sociabilidade e diversão, os clubes negros constituíram espaços de formação cultural e política, onde os associados se reuniam, trocavam ideias, (re)significavam tradições afrodiáspóricas, discutiam experiências comuns e, a partir daí, tentavam apontar caminhos, estratégias e projetos de inserção e mobilidade sociais.<sup>35</sup> Os problemas mais amplos relacionados à população negra na sociedade brasileira também eram pautados, assim como por vezes se debatiam fatos, mobilizações, demandas e personalidades importantes no circuito do Atlântico Negro. Nessas ocasiões, a experiência histórica e cultural da África e da afrodiáspora era tomada como referência de luta e construção identitária.<sup>36</sup> Portanto, alguns desses clubes discutiam, colocavam em evidência questões que diziam respeito às pessoas negras e, sobretudo, proporcionavam-lhes uma formação que certamente não teriam em outro lugar, sem contar que aqueles clubes estabeleciam um meio de comunicação entre as pessoas negras e suas agremiações, contribuindo para estreitarem seus laços de solidariedade e união em prol dos interesses comuns.

\*\*\*\*\*

AS PESQUISAS SOBRE OS clubes negros avançaram no sentido de formulação de novas abordagens, que têm redimensionado os debates e ampliando as ferramentas analíticas e possibilidades de investigação.<sup>37</sup> Uma história tradicional dos clubes, centrada no que ocorre dentro das sedes, tem cedido espaço para uma história social dos clubes, que procura focar essas agremiações a partir da vida dos associados – e suas experiências multifacetadas – dentro e fora das sedes, o que implica apreendê-los inseridos em aspectos como mundo do trabalho, cotidiano, cultura, religião, educação, moradia, relações de gênero e familiares – de parentesco e compadrio – etc.<sup>38</sup>

35 AGUIAR, Marcio Mucedula. Os clubes negros e seu papel na constituição da identidade e movimento negro: a história do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio em São Carlos-SP. **InterAÇÕES**, Uberlândia, v. 2, n. 2, p. 91-105, 2007. DINIZ, Larissa Mattos. **O Clube Negro de Londrina: uma experiência contraditória**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

36 ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. Esperanças de boas venturas: as Áfricas recriadas na Bahia. *In*: ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. **O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 195-240.

37 SILVA, Mário Augusto Medeiros da. Clubes sociais negros paulistas, 1890-1950. *In*: BARONE, Ana; RIOS, Flavia (org.). **Negros nas cidades brasileiras (1890-1950)**. São Paulo: Intermeios, 2018. p. 305-320. LUCINDO, Willian Robson Soares. **Comemorações, cidadania e festas: o associativismo negro em Piracicaba e Campinas nas três primeiras décadas do século XX**. 2020. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020. DOMINGUES, Petrônio; PEREIRA, Ana Cláudia. Elite da Liberdade: a contribution to the history of black clubs in Brazil. **Brasiliana: Journal for Brazilian Studies**, [s.l.], v. 9, n. 1, p. 396-411, 2020. Disponível em: <https://tidsskrift.dk/bras/article/view/114909>. Acesso em: 12 abr. 2023.

38 Para pesquisas na senda dessa nova abordagem acerca dos clubes negros, consultar: TEIXEIRA, Luana. Os homens do Centro: política, classe e raça na Florianópolis dos anos 1920. *In*: MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti; MENDONÇA, Joseli Maria Nunes; TEIXEIRA, Luana (org.). **Pós-abolição no sul do Brasil: associativismo e trajetórias negras**. Salvador: Sagga, 2020. p. 75-92. ROSA, Júlio César. **Associativismo negro em Laguna e a construção identitária: irmandade, sociedades musicais e clubes negros (1870 a 1950)**. 2021. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2021. RIBEIRO, Jonatas Roque. **A classe de cor: uma história do associativismo negro em Minas Gerais (1880-1910)**. 2022. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2022. FABRIS, Pamela Beltramin. **Mobilização negra em Curitiba: a formação de redes de solidariedade e a luta por direitos (1888-1910)**. Curitiba: Editorial Casa, 2023.



No que diz respeito à alocação na estrutura de classes, os clubes não deixavam de lado o esforço de afirmar e defender o perfil social específico de seus componentes. Por mais que tentassem demarcar posição no espaço público, faziam-no sem abrir mão de lutar pelas causas de interesse dos homens e mulheres que os compunham. Se alguns clubes – como o Renascença (1951), no Rio de Janeiro; o Elite da Liberdade (1919); e o Aristocrata (1961), em São Paulo – se definiam como de classe média, a maioria deles se situava nos marcos dos grupos subalternos ou, antes, arvorava-se como um fenômeno próprio do mundo do trabalho.<sup>39</sup> A partir de solidariedades gestadas na experiência de seus sócios, muitas agremiações se converteram em espaços de interlocução dos trabalhadores da cidade, em especial daqueles afrodescendentes cujas “formas costumeiras de luta eram, em geral, menosprezadas por aqueles que lideravam então o movimento operário”. Por mais que fossem desconsiderados por “militantes políticos do período e por estudiosos da posteridade por seu suposto caráter alienante”, esses clubes se converteram em elementos do processo de articulação dos trabalhadores das cidades, principalmente até a primeira metade do século XX. Foi assim, na confluência entre os marcadores de raça e de classe, que esses clubes acabaram por afirmar sua força.<sup>40</sup>

Essa inflexão na abordagem está sendo acompanhada da diversificação das fontes. Já está patente em muitas pesquisas a necessidade de empreender uma reavaliação do *corpus* documental e de ampliar o leque de opções disponíveis. Seguramente, é possível propor novas leituras de fontes tradicionais – imprensa, atas, estatutos, relatórios e ofícios diversos – e, ao mesmo tempo, há toda uma série de “novas” fontes – como processos judiciais, documentação policial, inventários, testamentos, cultura material, textos literários, livros de memórias, história oral e iconografia – que ainda precisam ser devidamente exploradas.<sup>41</sup>

Enquanto isso, um desdobramento do processo de renovação da área começa a ser perseguido através do aprofundamento de algumas tendências que só haviam sido esboçadas. Esse processo de revigoração passa pelo modo com que as fontes são usadas, pelo tratamento dado ao tema e pela consolidação dos instrumentos e instituições que contribuam para esses estudos. Novos problemas têm sido colocados para a análise, por meio de pesquisas que situam em novos termos, questões como, por exemplo, biografias dos dirigentes/associados.<sup>42</sup>

39 SAYÃO, Thiago Juliano. As heranças do Rosário: associativismo operário e o silêncio da identidade étnico-racial no pós-abolição, Laguna (SC). **Revista Brasileira de História**, v. 35, n. 69, p. 131-154, 2015. SÔNEGO, Márcio Ferreira. **Uma introdução à história de trabalhadores negros no clube União Operária de Alegrete**. Porto Alegre: Gráfica e Editora RJR, 2022. OLIVEIRA, Franciele Rocha. Trabalhadores negros criam União Familiar: revivendo o mais antigo clube social negro de Santa Maria/RS. **História em Revista**, Pelotas, v. 27, n. 2, p. 42-68, 2022.

40 PEREIRA, op. cit., p. 21.

41 Para o uso de uma narrativa oral como expediente para incursionar pela história de um clube negro, ver: SANTOS, Merylin Ricieli. Das lembranças que contei às histórias que esqueci – Clube Treze de Maio de Ponta Grossa (1888-2012). In: MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti; MENDONÇA, Joseli Maria Nunes; TEIXEIRA, Luana (org.). **Pós-abolição no sul do Brasil: associativismo e trajetórias negras**. Salvador: Sagga, 2020. p. 93-117.

42 Exemplos de trabalhos que partem das trajetórias individuais dos associados (ou dirigentes) como janela para acessar aspectos mais amplos da experiência das agremiações recreativas negras, são: MOREIRA, Paulo Staudt. “Miguel Archanjo da Cunha já não existe”: o associativismo da Sociedade Beneficente Floresta Aurora

A produção dos últimos anos tem demonstrado que o repensar do tratamento da história dos clubes negros passa por uma série de caminhos e por novas preocupações. Um deles é a discussão das relações de gênero. As mulheres – apesar de apagadas das pesquisas por um longo período – cumpriram um papel importante nessas agremiações, assumindo encargos como a organização de festas, reuniões sociais e bailes; a preparação dos almoços coletivos, chás, convescotes e quermesses; a realização de cursos de culinária, prendas domésticas, boas maneiras, corte e costura etc. Alguns clubes mantinham uma comissão ou diretoria feminina; outros eram formados estritamente por mulheres.<sup>43</sup>

Imagem 6 - Baile das Rosas, década de 1950.



Fonte: Clube 28 de Setembro, Jundiaí - SP.

Outra tendência atual nos estudos sobre clubes negros são as análises em perspectiva transnacional. O pressuposto é de que a experiência negra no Brasil precisa ser compreendida no contexto afro-atlântico da diáspora africana. Em vez de se circunscrever à base nacional,

e as vicissitudes biográficas de um barbeiro negro, liberal e católico. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 24, n. 2, p. 252-281, 2019. MOREIRA, Paulo Staudt. Havemos de ser atendidos em nossos direitos, uma vez que servimos para votantes e soldados, não obstante a nossa cor: associativismo negro, direitos e cidadania (a Sociedade Beneficente Cultural Floresta Aurora, Porto Alegre, séc. XIX). **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 11, p. 1-30, 2019. MOREIRA, Paulo Staudt. “Conseguiu assinar o seu nome, não com perfeição, pode-se mesmo dizer melhor que desenhava o seu nome”: percursos de um homem negro (i) letrado no pós-abolição (Paulino de Souza Bastos – Floresta Aurora – Porto Alegre – RS). **Revista da ABPN**, v. 2, edição especial, p. 527-562, 2020. TIEDE, Lívia Maria. Frederico Baptista de Souza: the formation of a Black editor in the South Atlantic. **Atlantic Studies**, [s.l.], v. 18, n. 4, p. 526-543, 2021. SOUZA, Alessandra Tavares. **A escola de samba tira o negro do local da informalidade**: agências e associativismos negros a partir da trajetória de Mano Eloy (1930-1940). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2022.

- 43 Para pesquisas paradigmáticas, no sentido de conferirem centralidade à presença feminina nos clubes negros, ver: ESCOBAR, Giane Vargas. “**Para encher os olhos**”: identidades e representações culturais das rainhas e princesas do clube Treze de Maio de Santa Maria no jornal *A Razão* (1960-1980). 2017. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017. SANTIAGO, Fernanda Lucas. **Mulheres negras**: trajetória de (re)existência em rede (Curitiba, 1922-1963). 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Cf, também: FÉLIX, Rita de Cássia Souza. Damas de ébano nos clubes sociais negros: trancinhas e batom. **Comunicações**, Piracicaba, n. 1, p. 39-53, 2014. SOUSA, Karina. Rainhas do clube e musas do samba-rock: raça e gênero na sociabilidade negra. **Revista Desigualdade & Diversidade**, Rio de Janeiro, n. 18, p. 33-54, 2020. SMANIOTTO, Elaine. O protagonismo de mulheres negras na Sociedade Recreativa Beneficente União Rosariense. **Historiæ**, Rio Grande, v. 12, n. 2, p. 151-176, 2021.

essa experiência deve ser apreendida conectada a outras semelhantes protagonizadas por diferentes povos afrodescendentes entre a Europa, a África e as Américas (incluindo aí o Caribe). Partindo desse pressuposto, as análises comparativas dos clubes negros têm adquirido um caráter transnacional.<sup>44</sup>

Outra tendência contemporânea são os estudos na arena do reconhecimento e manutenção do patrimônio material e imaterial dos clubes negros, em vista da preservação das inúmeras histórias, memórias e as edificações construídas pela própria comunidade negra, espalhadas pelo país. A premissa é de que, para além de espaços de pesquisas, com acervo, documentação e fontes que contam parte da história dos afro-brasileiros, esses clubes constituem monumentos de uma memória negra, que ultimamente têm demandado ações de proteção e salvaguarda.<sup>45</sup>

A busca de políticas públicas para a preservação do espaço cultural e histórico dos clubes negros é uma tarefa árdua. No caso do Clube 24 de Agosto – localizado na cidade de Jaguarão, na fronteira do Brasil com o Uruguai, e o primeiro do gênero a ser reconhecido como patrimônio histórico e cultural do estado do Rio Grande do Sul em 2012 –, esse caminho foi marcado por enfrentamentos ao racismo institucional e a desconsideração a nível local, onde se forma uma esfera pública de mobilização e denúncia em favor das demandas por proteção. O reconhecimento do clube como patrimônio apresentou uma série de problemas, impasses e distorções que desconsideraram sua autonomia. Contudo, os impactos positivos desse empoderamento tornaram o clube um exemplo para se pensar as articulações e “políticas de alteridade” que rompem a invisibilidade e conquistam o reconhecimento: condições que levam os sujeitos a um bem simbólico que acena para dispositivos institucionais e poderes afirmativos no plano dos direitos e da cidadania.<sup>46</sup>

- 44 Investigações emblemáticas, no sentido de inserirem a experiência dos clubes negros na rede afrodiaspórica de diálogos, trocas e conexões transnacionais, são: SILVA, Fernanda Oliveira da. **As lutas políticas nos clubes negros**: culturas negras, cidadania e racialização na fronteira Brasil-Uruguai no pós-abolição (1870-1960). 2017. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. SOUSA, Karina Almeida. **Corpo, transnacionalismo negro e as políticas de patrimonialização**: as práticas expressivas culturais negras e o circuito afrodiaspórico. 2020. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020. BUTLER, Kim. Diálogos diaspóricos: a fantasia da África e o internacionalismo diaspórico no carnaval da Bahia. In: BUTLER, Kim; DOMINGUES, Petrônio. **Diásporas imaginadas**: Atlântico Negro e histórias afro-brasileiras. São Paulo: Perspectiva, 2020, p. 95-134. Ver, ainda: AL-ALAM, Caiuá Cardoso; OLIVEIRA, Fernanda. A comunidade negra na fronteira entre Brasil e Uruguai: uma análise sobre o pós-abolição por meio dos Clubes Negros de Jaguarão e Melo em meados do século XX. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 25, n. 3, p. 503-517, 2021.
- 45 Sobre os clubes negros na perspectiva da patrimonialização, ver: ESCOBAR, Giane Vargas. **Clubes sociais negros**: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial. 2010. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010. ESCOBAR, Giane Vargas; MORAES, Ana Luiza Coiro. Clubes sociais negros: memória e ações para o reconhecimento como patrimônio cultural afro-brasileiro. In: PAIXÃO, Cassiane de Freitas; LOBATO, Anderson O. C. (org.). **Os clubes sociais negros no estado do Rio Grande do Sul**. Rio Grande: Ed. FURG, 2106. p. 21-43. SANTOS, Merylin Ricieli dos. **Territórios negros em Ponta Grossa/PR (1970-2010)**. 2022. Tese (Doutorado em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2022. PEREIRA, Heráclito. Clubes sociais negros de Santa Catarina: patrimônio cultural, memória, educação e sociabilidade. In: ESCOBAR, Giane Vargas; DOMINGUES, Petrônio (org.). **Clubes negros no Brasil e Cone Sul**. São Paulo: Dandara (prelo).
- 46 PERES DE LIMA, Alexandre. Lutas diuturnas: políticas públicas, patrimônio e reconhecimento do clube social negro 24 de Agosto na cidade de Jaguarão (RS). **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 52, n. 2, p. 149-161, 2016.

Já no 1º Encontro Nacional de Clubes e Sociedades Negras, realizado em Santa Maria (RS), no ano de 2006, chamou-se a atenção do Estado brasileiro e da sociedade civil para essas questões, trazendo para o centro da discussão as reivindicações específicas do setor. Em escala crescente, há uma luta pela preservação desse “patrimônio negro”, da história das pessoas que os construíram ou de seus descendentes, fontes de uma memória viva que precisa ser registrada, ensinada e divulgada para a valorização e apropriação do legado cultural afro-brasileiro.<sup>47</sup>

Em 2009, a Comissão Nacional de Clubes Negros solicitou ao Iphan o reconhecimento dos clubes negros como Patrimônio Cultural do Brasil por meio do registro de bens culturais de natureza imaterial. A partir dessa solicitação, a discussão sobre os clubes negros foi inserida nos debates relacionados aos processos de patrimonialização e reconhecimento de referências culturais como patrimônio cultural do Brasil. Em 2015, o Iphan realizou um mapeamento e levantamento de dados a fim de subsidiar a formulação de políticas públicas de salvaguarda e preservação cultural voltadas aos clubes negros. A partir desse processo de mobilização, diálogo e articulação entre o movimento clubista e gestores governamentais, foi possível delinear as principais demandas e encaminhar, com algumas dificuldades, ações de grande importância na difusão de informações sobre o universo dos clubes negros.<sup>48</sup>

**Imagem 7 - Encerramento do Seminário Internacional Clubes Sociais Negros: vivências, memórias, história e patrimônio, na sede da Sociedade Floresta Aurora, em 30 de setembro de 2022.**



Fonte: Acervo da Sociedade Floresta Aurora.

47 ESCOBAR, op. cit. SANTOS, Deborah Silva. Museu Treze de Maio. In: SANTOS, Deborah Silva. **Museologia e africanidades: experiências museológicas de mulheres negras em museus afro-brasileiros**. 2021. Tese (Doutorado em Museologia) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2021, p. 188-213. Para aspectos do acervo dos clubes negros do Brasil, ver o portal: <https://clubessociaisnegros.com>.

48 LIMA; SILVA, op. cit.

## 5 - Considerações finais

OS CLUBES NEGROS tinham (e têm) um caráter polissêmico, assumindo diversos sentidos e significados. Eram (e são) espaços de convivência comunitária: de lazer, conagraçamento e promoção de atividades lúdicas, nos quais as pessoas e famílias negras tecem laços de sociabilidade, trocam experiências, (re)definem identidades, celebram o orgulho racial, (re)atualizam tradições, produzem símbolos culturais afrodiáspóricos, mas, também, são territórios onde as pessoas negras inscrevem seus corpos, almejam congregar seus “irmãos e irmãs de cor” e elevá-los do ponto de vista social, cultural, moral e intelectual, o que contribui para despertar ou cimentar entre os membros afiliados o sentimento de pertencimento a um grupo. Por outro lado, essas agremiações foram (e são) locais de formação política, de elaboração de narrativas racializadas, de projetos de inserção social, de discussão de plataformas no campo dos direitos e da cidadania e de retóricas de igualdade. Elas contribuem, ainda, para fortalecer e manter viva uma experiência de resistência que, embora remonte ao período da escravidão, adquire novas feições no regime republicano.

Em outros termos, os clubes negros nasceram tendo em vista a promoção do entretenimento, sobretudo de festas e bailes. Eram (e são) locais onde as pessoas negras se encontram, fazem amizades, trocam afetos, iniciam flertes e relacionamentos amorosos, buscam se confraternizar, divertir-se prazerosamente, aliviar as tensões raciais do cotidiano e se sintam à vontade, afirmando a sua subjetividade, estética, beleza e autoestima. Vários clubes procuraram desenvolver a tarefa de conscientizar a população negra, de melhorar a sua situação e, também, de protestar contra as injustiças que a afetavam. Ao mesmo tempo que essas agremiações servem de base para essas ações coletivas, elas também surgiram e se multiplicaram em função do anseio por espaços de sociabilidade, distinção, reconhecimento e dignidade. Os clubes, mesmo não declarando compromisso com a luta, as reivindicações e os problemas dos negros, decerto se constituíram em arena potencial de sua tomada de consciência.

A temática dos clubes negros adquiriu, em pouco mais de duas décadas, um *status* acadêmico e um determinado espaço institucional. Resta, porém, muito a fazer pela profissionalização do campo e pela ampliação desse espaço institucional. Aliás, ousaria dizer que, atualmente, o principal desafio está na consolidação (e legitimação) institucional da área, no reconhecimento desse campo de especialização no próprio conjunto da produção acadêmica versada sobre a população negra. Essa situação torna-se evidente quando, de modo muito sintomático, dois dicionários enciclopédicos recentes, que tratam da escravidão, da liberdade e das relações étnico-raciais, não dedicam nenhum verbete aos clubes negros.<sup>49</sup>

49 SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio dos Santos (org.). **Dicionário da escravidão e liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. RATTI, Alex; RIOS, Flavia e SANTOS, Marcio André (org.). **Dicionário das relações étnico-raciais contemporâneas**. São Paulo: Perspectiva, 2023.

Se há alguns anos era praticamente consensual a afirmação da impossibilidade de reconstituir a experiência dos clubes negros, pesquisas recentes têm demonstrado justamente o contrário. Rastreamento de fontes diversas, já é possível, hoje, acompanhar a trajetória dessas agremiações e verificar o quanto suas experiências associativas e práticas cívicas, sociais, artístico-culturais e lúdicas, forjadas no período do cativo, foram reelaboradas e revitalizadas no pós-abolição. Esse tema vem se somando ao redimensionamento dos estudos sobre a resistência negra e os significados da liberdade e autodeterminação para sujeitos que lutaram por reconhecimento no campo dos direitos e da cidadania; uma história de protagonismo negro cuja face muitas vezes se pretendeu ocultar.

Deixando de lado, assim, a visão exógena que ainda se faz presente em algumas abordagens, cabe adentrarmos nos clubes negros, na tentativa de compreendermos como e por que os membros afiliados (homens e mulheres) não só fizeram deles um elemento central de sua experiência, mas como, a partir dessas agremiações, procuraram, na medida do possível, afirmar e legitimar seu protagonismo na vida social da cidade e do país – “o que não é pouca coisa em uma nação sustentada sobre estruturas sociais que insistem em marcar sua exclusão”.<sup>50</sup>

Por fim, vale consignar e reconhecer a força desse campo emergente de estudos e pesquisas que tem ajudado a calibrar ou mesmo renovar a compreensão sobre a experiência negra no Brasil.

Recebido em: 14/04/2023

Aprovado em: 08/08/2023

---

50 PEREIRA, op. cit., p. 338.